

# ENTREVISTA COM MARIA APARECIDA DE MORAES SILVA<sup>1</sup>

Valéria Barbosa de Magalhães<sup>2</sup>

*“A metodologia da história oral nos permite entender as migrações não só como deslocamentos, mas também compreender as emoções e os sentimentos”*

Maria Aparecida de Moraes Silva aposentou-se como livre-docente pela Unesp de Araraquara. Atualmente, é professora visitante do Programa de Pós-Graduação de Sociologia da UFSCar, onde coordena o grupo de pesquisas TRAMA<sup>3</sup>. Ela também é pesquisadora nível A1 do CNPq. É criadora e coordenadora do recém-lançado repositório *Vozes e Memórias*<sup>4</sup>.

---

1A entrevista foi realizada em 24 de junho de 2019 por Valéria Barbosa de Magalhães, no âmbito do projeto de pesquisa **Nordestinos em São Paulo e História Oral: Abordagem histórico-crítica**, com vigência 2017 a 2020, financiado pela Fapesp e coordenado por Valéria B. Magalhães. Transcrição: Fátima Ximenes. Conferência: Valéria B. Magalhães.

2Docente da EACH/USP. Orientadora no Programa de Pós-Graduação em Movimentos Sociais e Participação Social/USP. Doutora em História Social. Coordenadora do GEPHOM/USP (Grupo de Estudo e Pesquisa em História Oral e Memória/USP: [www.each.usp.br/gephom](http://www.each.usp.br/gephom)). Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-6817-4192>. [gephom@gmail.com](mailto:gephom@gmail.com).

3TRAMA, “Terra, Trabalho, Migração e Memória” UFscar. <https://www.trama.ufscar.br/o-grupo/>

4O repositório conta com aproximadamente mil horas de entrevistas com trabalhadores rurais, realizadas entre 1983 e 2017. **Projeto Vozes e Memórias**. Disponível em: <https://www.vozesememorias.com.br/>, acesso em 12 de janeiro de 2023.

Além de ser autora de livros e textos seminais para os estudos das migrações e do trabalho rural<sup>5</sup>, Maria Aparecida tem publicações importantes e inovadoras no campo da metodologia qualitativa, como é o caso do artigo *Das mãos à memória*<sup>6</sup>, no qual a autora explica técnicas por ela desenvolvidas envolvendo o trabalho com as mãos no processo de entrevistar.

Maria Aparecida é reconhecida como uma das mais importantes intelectuais no campo da memória das migrações e também dos conflitos do campo e dos estudos rurais em geral. É especialista no tema dos trabalhadores e trabalhadoras migrantes no corte da cana-de-açúcar, em especial naqueles migrados do Vale do Jequitinhonha para o interior de São Paulo.

Dentre os autores que inspiram a sua trajetória, estão Heleieth Saffioti, Wright Mills, Guimarães Rosa, Pierre Bourdieu e Edward Thompson. Especificamente em relação à metodologia, destacam-se Maria Izaura Pereira de Queiróz, Paul Thompson, Marieta de Moraes Ferreira, José Carlos Meihy e os estudos frankfurtianos. Maria Aparecida foi iniciada pelo marxismo clássico, mas hoje tece críticas à inadequação de certos conceitos marxistas aplicados à realidade do trabalho rural brasileiro

---

5A exemplo da obra *Errantes de Fim de Século*. SILVA, Maria Aparecida de Moraes. **Errantes do fim do século**. São Paulo: UNESP, 1999.

6SILVA, Maria Aparecida Moraes. *Das mãos à memória*. IN: MARTINS, José de Souza; ECKERT, Cornélia; CAIUBY NOVAES, Sylvia (orgs.). **O imaginário e o poético nas ciências sociais**. Bauru, SP, Edusc, 2005. 315 páginas. p. 295-315.

sem, entretanto, descartar a influência dessa abordagem para a sua formação, conforme ela própria declarou em outras entrevistas<sup>7</sup>.

O brilhantismo de seu trabalho consiste, entre outras coisas, em jogar luz à subjetividade e às emoções envolvidas nos processos migratórios e nas relações de trabalho no campo, colorindo a frieza das explicações puramente estatísticas que podem reduzir as migrações apenas a fluxos e deslocamentos. A dedicação à metodologia permitiu que ela avançasse para uma percepção multifacetada da realidade social do migrante e do trabalhador rural.

A presente entrevista anuncia a intelectual Maria Aparecida de Moraes Silva como metodóloga e historiadora oral, para além da socióloga. É nisto que reside a originalidade desta conversa<sup>8</sup>. Aqui, a interlocução está centrada especificamente na experiência da professora com o método da história oral nos estudos migratórios.

---

7OCADA, F. K.; MELO, B. M. de. Entrevista com Maria Aparecida de Moraes Silva. **Revista Nera**, [S. l.], n. 12, p. 117–36, 2012. Disponível em: <https://revista.fct.unesp.br/index.php/nera/article/view/1404>. Acesso em: 13 jan. 2023.

GONÇALVES, R., RUBBO, D. E RODRIGUES, M, N. Estudos rurais a contrapelo. Entrevista com Maria Aparecida de Moraes Silva. **Lutas Sociais**. São Paulo, vol.19, n.35, p.174-189, jul./dez. 2015. Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/index.php/ls/article/view/26686/pdf>. Acesso em: 13 jan. 2023.

<sup>8</sup>Há três outras entrevistas publicadas com Maria Aparecida, cada uma delas centrada em diferentes temas: sua trajetória como socióloga e sobre os autores que a influenciaram; sua relação e percepção sobre Heleieth Saffioti; e sua formação no campo dos Estudos Rurais. As entrevistas anteriores não chegaram a tratar da sua formação metodológica. São elas:

OCADA, F. K.; MELO, B. M. de. Entrevista com Maria Aparecida de Moraes Silva. **Revista Nera**, [S. l.], n. 12, p. 117–36, 2012. Disponível em: <https://revista.fct.unesp.br/index.php/nera/article/view/1404>. Acesso em: 13 jan. 2023.

MOTTA, Danielle; BEZERRA, Elaine. Memórias De Afeto, Política E Formação: O Encontro Entre Maria Aparecida De Moraes Silva e Heleieth Saffioti. **Revista De Ciências Sociais - Política & Trabalho**, [S. l.], v. 1, n. 54, p. 204–18, 2021. Disponível em: <https://periodicos.ufpb.br/index.php/politicaetrabalho/article/view/56063>. Acesso em: 13 jan. 2023.

GONÇALVES, R., RUBBO, D. E RODRIGUES, M, N. Estudos rurais a contrapelo. Entrevista com Maria Aparecida de Moraes Silva. **Lutas Sociais**. São Paulo, vol.19, n.35, p.174-189, jul./dez. 2015. Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/index.php/ls/article/view/26686/pdf>. Acesso em: 13 jan. 2023.

Dentre os temas abordados neste depoimento, destacam-se: sua trajetória e formação com o uso de entrevistas e sua aproximação com as associações brasileira e internacional de história oral; as técnicas específicas que desenvolveu em suas pesquisas para trabalhar com entrevistas e que envolvem o uso de atividades manuais; os autores que inspiram seu trabalho com história oral; sua atuação como formadora de uma nova geração de pesquisadores que estudam movimentos migratórios internos usando entrevistas; a especificidade do uso da história oral no campo das migrações; e a relevância da história oral para a compreensão dos aspectos subjetivos e das emoções nos processos sociais.

A entrevista se encerra de forma poética (que é uma característica própria do falar de Maria Aparecida), sinalizando que a humanização e a sensibilidade do pesquisador de história oral são fundamentais para a compreensão das migrações e do trabalho rural.

*Entrevista com Maria Aparecida de Moraes Silva*

Valéria (VBM) - Professora, fui para o Nordeste fazer algumas entrevistas com pesquisadores que estudam as migrações do Nordeste para o Sudeste e todos citam o seu nome. Há uma tradição de utilizar entrevistas nesses estudos. A minha primeira pergunta seria: como foi que a senhora aprendeu e começou a utilizar as entrevistas nos seus trabalhos?

Maria Aparecida (MAMS) - Olha Valéria, desde a minha pós-graduação, quando fiz o mestrado e doutorado na universidade na França<sup>9</sup>, utilizei a história oral. Naquele momento, não foi com tanto rigor metodológico. Foi um tempo que eu estava fora do País e que tinha que fazer o mestrado, tinha que fazer doutorado e, naquele momento, fiz entrevistas com trabalhadores daqui do Estado de São Paulo, trabalhadores que estavam vivendo na periferia e que tinham acabado de sair do campo. Era um momento de transformação do colono em boia-fria, ali na segunda metade dos anos 1970. Você vê que faz bastante tempo.

Então, entrevistei aquelas pessoas que estavam vivendo precariamente em vários locais aqui da região de Ribeirão Preto, interior de São Paulo, e pessoas que tinham vivido a vida inteira no

---

<sup>9</sup>Mestrado em Sociologie Du Développement Iedes - Université Paris 1 (Panthéon-Sorbonne) (1978) e doutorado em Sociologie Du Développement Iedes - Université Paris 1 (Panthéon-Sorbonne) (1980). Fonte: BV-CDI Fapesp. Disponível em: <https://bv.fapesp.br/pt/pesquisador/6075/maria-aparecida-de-moraes-silva>, acesso em 17 jan. 2023.

campo, que trabalhavam como colonos e que, naquele momento, estavam na cidade naquela condição de boia-fria e tinham que ir todo dia para o campo trabalhar. Ali foi a primeira vez que utilizei as entrevistas, inclusive sem gravador. Naquele tempo, eu anotava tudo. Eram entrevistas em que, à medida que a pessoa ia falando, eu ia anotando muito rapidamente sem o gravador.

Depois, quando fiz finalmente entrevistas seguindo uma metodologia, foi pela orientação sobretudo da Professora Maria Isaura Pereira de Queiróz, naquele texto *Variações sobre a técnica de gravador no registro da informação viva*<sup>10</sup>.

VBM - Teria sido o primeiro texto que você leu sobre essa metodologia?

MAMS - Exatamente! Do ponto de vista metodológico da história oral, foi realmente um texto que me marcou muito. Foi bem no começo. Logo depois, comecei a fazer parte de vários congressos e encontros da Associação de História Oral aqui no Brasil e também na Associação Internacional de História Oral.

A metodologia da história oral foi sendo cada vez mais refinada nas minhas pesquisas. Nas entrevistas, passei a trabalhar com trajetórias, com histórias de vida, com memórias, com histórias. Quer dizer,

---

<sup>10</sup>QUEIROZ, Maria Isaura Pereira de. *Variações sobre a técnica de gravador no registro da informação viva*. São Paulo: T. A. Queiroz, 1991. (Biblioteca Básica de Ciências Sociais, 2. v.7).

realmente fui em uma progressão. Fui muito aos encontros da Associação Brasileira de História Oral, tanto aqui no Brasil quanto fora, para o refinamento daquela metodologia que eu empreguei. Acho que foi a necessidade do campo nas minhas pesquisas e, ao mesmo tempo, todo esse conjunto de produção acadêmica da história oral que surgiu aqui no Brasil, sobretudo a partir dos anos 1980. A década de 1980 foi como se fosse um *boom* da história oral aqui no Brasil, era o final da Ditadura. Os estudos da Marieta de Moraes, por exemplo, no Rio de Janeiro. Depois retomando os estudos da professora Maria Isaura Pereira Queiroz. Na USP, o professor Meihy no Departamento de História. Então, ali foi realmente em um crescendo.

Além das entrevistas, passei a utilizar muito as imagens, não somente como ilustração, mas também como uma fonte de pesquisa. Não somente as fotografias que as pessoas me cediam e eu fazia cópia, mas também fotografias que eu produzi, vídeos que eu produzi. Tinha - e continuo tendo - uma preocupação muito grande com a produção de imagens. Para nós que trabalhamos com essa metodologia da história oral é muito importante saber de quem a gente está falando, qual é a situação dessa pessoa, qual o perfil dela.

VBM - Professora, sei que você ainda usa entrevistas, o que mudou em termos técnicos, dos anos 1970 para hoje? Vamos falar da sua

formação com a história oral, inclusive porque você usou especificamente o termo “história oral” quando falei de entrevistas e também porque houve essa aproximação nas suas próprias leituras. O que mudou na sua experiência profissional? O que você acha que foi se somando ou que foi mudando na sua metodologia, a partir das suas leituras e da sua própria experiência no trabalho de campo?

MAMS - Acho que são mudanças bastante significativas e que cada vez mais foram me levando não somente ao aperfeiçoamento da metodologia em si, mas também à possibilidade de criar outras técnicas de pesquisa. A metodologia da história oral é importante porque, de acordo com o campo, você vai sentindo a necessidade de criação. Por exemplo, uma técnica que eu não tinha visto até então e que passei a utilizar foram as oficinas. Empreguei essa técnica de oficinas usando as mãos e a memória. Isso se deveu muito às leituras que fiz e aos estudos dos frankfurtianos, a partir de um determinado momento da minha vida. Trabalhar com as mãos me remeteu muito a uma possibilidade não somente de aperfeiçoar a metodologia da história oral, como também de ter uma preocupação mais política com o meu trabalho. Por exemplo, fiz oficinas de barro e de argila com trabalhadores que vieram do Nordeste. A partir do momento que eles vão trabalhando com a argila, estão lembrando do passado, das suas comunidades, de como era, de como a avó fazia o vaso, de como fazia

o pote, dos próprios objetos de argila que eram de utilidade doméstica, tanto do Nordeste como também do Vale do Jequitinhonha, que é um lugar privilegiado para mim em termos de pesquisa empírica. Depois, gostaria de falar sobre isso porque a minha primeira experiência de peso com história oral foi no Vale do Jequitinhonha.

VBM - Ah, certo! Sobre essas oficinas, enquanto as pessoas iam lembrando vocês iam gravando o que elas falavam?

MAMS - Sim, por exemplo, nós fizemos em um assentamento aqui próximo a Araraquara. Saiu um texto meu interessante publicado em uma coletânea organizada pelo professor José de Souza Martins chamada *O Imaginário e o Poético nas Ciências Sociais*<sup>11</sup>, o meu capítulo chama “Das mãos à memória”. Ali eu explico tudo: o porquê da argila, as pessoas que participaram, que se envolveram nesse trabalho e, sobretudo, que é um trabalho coletivo, o que é importante. Então, na entrevista são só você e o entrevistado, às vezes tem uma pessoa que o acompanha. Nesse caso da oficina, não dá para ser só você porque não dá para dar conta de registrar tudo que vai acontecer ali, é muito imprevisível. É claro que você se prepara, mas não sabe os desdobramentos. E tem o número de pessoas. Nesse trabalho, acho

---

11SILVA, Maria Aparecida Moraes. Das mãos à memória. IN: MARTINS, José de Souza; ECKERT, Cornélia; CAIUBY NOVAES, Sylvia (orgs.). **O imaginário e o poético nas ciências sociais**. Bauru, SP, Edusc, 2005. 315 páginas. p. 295-315.

que havia mais de 40, 50 pessoas que estavam participando. Na medida que eles iam fazendo, nós nos aproximávamos e recolhíamos os depoimentos: “o que é isso que o senhor está fazendo?” “Do que o senhor lembra?” etcetera. Daí a gente foi gravando, eram várias pessoas ali trabalhando. Essa foi a primeira experiência.

Depois, nós fizemos uma segunda experiência que foi com bonecas de pano, de retalhos, com mulheres dos migrantes do Maranhão. Foi muito interessante porque estávamos querendo discutir a questão de gênero, da violência de gênero. Abordávamos essas questões com as mulheres e elas sempre diziam que não sofriam violência, que não tinha nada disso. Aí fomos percebendo que havia umas ondas de silêncio muito grandes. Da mesma forma a questão da argila, quando a gente falava: “Ah, como era quando o senhor era criança, antes do senhor vir para São Paulo, como era essa questão dos objetos de argila?” “Ah, a gente não lembra, isso faz muito tempo” ou dizia assim: “não, hoje ninguém quer saber mais de panela de barro, só querem saber de panela de alumínio”. Até um certo ponto, fomos percebendo, Valéria, que havia aquilo que os pesquisadores chamam de “memória envergonhada”, lidar com isso era uma vergonha, não queriam falar disso. E aí foi muito interessante porque a oficina contribuiu para desbravar esse mundo e tirar toda essa parte da memória, das lembranças, da invisibilidade e eles conseguiram realmente perceber que aquilo fazia parte da identidade deles, foi uma

coisa muito bonita que aconteceu. Então, acho que a oficina é muito importante para nós que estudamos história oral, sobretudo porque a gente não tem essa preocupação pontualmente de obter os depoimentos. A história oral exige que nós tenhamos um envolvimento com aquelas pessoas, um envolvimento crítico, independentemente de partido, mas um envolvimento político com aquelas pessoas. E isso aconteceu na oficina de argila.

VBM - Depois vocês transcreviam isso tudo?

MAMS - Sim, tudo transcrito. Éramos várias pessoas, eu e os meus alunos, cada um em um canto, cada um em um lugar e outros também tirando fotos, registrando tudo. Foi um momento em que as crianças participavam, era como se fosse uma verdadeira festa. É isso que eu estou te falando: é um jogo que você lança a bola para depois a bola voltar para você, aí eles que assumem, foi algo impressionante essa atividade.

No caso das mulheres do Maranhão, fui percebendo a mesma situação: a zona de silêncio, não queriam falar, às vezes, as mulheres tinham até marcas no rosto, é coisa pesada. A gente ouvia: “Ah, mas comigo não aconteceu, mas aconteceu com fulana, aconteceu com sicrana”. Já era uma dica, um *insight* muito importante para o pesquisador para saber que era um problema a ser investigado. Como

não queríamos ficar comentando essa situação porque muitas vezes leva a constrangimentos e tudo mais, idealizamos essa oficina de bonecas de pano, mas é claro que você tem que levar tudo. No caso da argila, também tive que levar o material para lá.

Aí levei uma moça<sup>12</sup> da Química, tem todo um envolvimento porque meu marido é químico. Lembra daquele projeto da Comunidade Solidária, da professora Ruth Cardoso? Ela trouxe os antropólogos para trabalhar sobre essas questões. Meu marido participou do projeto porque é químico e trabalha com materiais cerâmicos. Aqui, próxima à cidade de São Carlos, tem Porto Ferreira, tem Santa Gertrudes, que têm muito essa produção de ladrilhos e cerâmica e etcetera. Tinha essa moça que era do Nordeste, de Pernambuco, e trabalhava em um desses projetos. Então, o meu marido a colocou nesses projetos da Ruth Cardoso e visitou várias comunidades da Bahia e do interior acho que de Minas Gerais. Ela já tinha uma interação, mas não estava preocupada com a história oral, o problema dela era outro. Era, por exemplo: “por quê que o pessoal faz o pote e depois esse pote, ao ser transportado, trinca ou se solta?” “O que está acontecendo ali no momento da fabricação?” Era essa a questão: “vamos ver qual é o problema”. Eles descobriram que o problema era a queima, o momento da queima. Precisava acertar o forno para apurar isso, aí descobriram.

---

12A entrevistada se refere à Ingrid Weber, que foi aluna de doutorado em Química na UFSCar sob orientação do professor Elson Longo, marido de Maria Aparecida. Ingrid atualmente é docente da UNB.

Levei essa moça para fazer a textura nessa oficina, pois você tem que aproveitar aquilo que você tem no seu entorno. Ela era uma menina muito tranquila, despachada, que falava com tranquilidade. Aí ela começou a falar da história da argila desde a época dos gregos, enfim, mostrando que o começo da fabricação de objetos foi através da argila. Ela própria foi anunciar a argila que nós levamos para lá, 500 kilos de argila, você pode imaginar! Foi aquele baque, ela começou a mexer e as pessoas viram. Aquele foi o momento para destravar, foi muito interessante. Ela começou a contar a história da argila, dos povos, desde os sumérios e os gregos. Ela fez uma história belíssima de tudo isso e as pessoas ficaram muito entusiasmadas e começaram a fazer.

Com a oficina de boneca de pano foi muito interessante. Por quê? Por mais que você não queira naturalizar as relações sociais, acaba naturalizando: lidar com agulha elas querem, mas aquelas mulheres nunca lidaram com agulha. Elas lidam com machado porque são quebradoras de coco. O que significou para elas a agulha? Aquilo foi terrível, mas foi também muito interessante porque nós levamos os moldes, o algodão, levamos os retalhos, sacos de retalhos para fazerem as bonequinhas. Foi muito interessante porque aí elas começaram a falar, uma falando para a outra. A gente deu um impulso no começo falando das relações de gênero, da questão da violência. Levamos umas cartilhas com a Lei Maria da Penha, mas sem dizer:

“olha, chega em casa e você prende o marido, chama a polícia”... Nada disso. “Está aqui, quando vocês quiserem, podem pegar”. Uma relação mais democrática possível, nunca na intenção de expor nada, apenas de levar uma outra reflexão e deixar que as pessoas, por elas mesmas, encontrem os seus caminhos. Era essa a ideia.

Essa oficina deu certo e depois nós fizemos a de fuxico. Sabe o que é fuxico?

VBM - Sei sim...

MAMS - Nós fizemos em Altinópolis também, deu muito certo. Depois, fizemos em uma cidade próxima a São José do Rio Preto com as mulheres dos migrantes da Paraíba principalmente, mulheres que não trabalhavam no campo e que estavam em depressão porque ficavam nove meses ali naquele barraco, aí os maridos chegavam da roça, aquela coisa toda. As mulheres passaram a fazer fuxico, houve apoio da igreja e elas começaram a vender as coisas que elas produziam ali, com apoio da igreja, da internet.

A oficina foi um desdobramento desse trabalho com a metodologia da história oral, fomos adaptando as coisas que foram surgindo. A outra técnica que surgiu foi a do desenho com crianças, essa também é maravilhosa. Eu utilizei duas vezes, mas os meus orientandos usaram várias. Utilizei uma vez aqui em cidades próximas à Araraquara com

as crianças filhas de trabalhadores rurais, o tema era família. Fomos percebendo que havia muitos problemas familiares, geralmente os homens abandonam a família. Tem um percentual de mães que cuidam sozinhas das crianças, essas crianças ficam o dia todo na creche, muitos problemas ali. Então, nós construímos essa oficina de desenho com as crianças e fomos a uma escola pública, acho que era de segundo ano (é importante também definir a faixa etária e tudo isso), e pedimos que elas fizessem um desenho. Assim que a criança vai terminando, a gente tem uma ficha e pede para ela fazer uma leitura do desenho, o quê que é aquilo? Por exemplo, se ela desenha lá uma figurinha: “isso aqui é seu pai, sua mãe?” “Quem é?”. Enfim, para cada desenho tem uma leitura feita pela criança, que a gente chama de conteúdo manifesto. Depois, a gente tem toda uma técnica de como trabalhar isso. Depois, a gente pode também fazer um cruzamento daquele relato da criança com a entrevista feita com a mãe sobre a família, e assim por diante...

Além disso, trabalhamos também no Maranhão, fiz uma pesquisa, em 2017, na região do babaçu. Isso também foi totalmente imprevisto: quando eu cheguei lá, o que eu mais ouvia conversando com as crianças era: “Onde está a sua mãe?” “Ah, minha mãe foi para Ribeirão”. “Onde está o seu pai?” “Meu pai foi para Ribeirão”. Era para São Paulo, Estado de São Paulo, e elas falavam “Ribeirão”. Aí eu tive a ideia, portanto, de pedir para as crianças que elas fizessem

dois desenhos na frente da folha que era para retratar a família delas lá. No verso da folha, era para retratar Ribeirão, o quê que era Ribeirão para elas. Eu fiquei boba! O resultado, olha, foi belíssimo!

VBM - Deve ter sido incrível.

MAMS - Foi incrível o resultado desse trabalho das crianças, sabe? Eu acho que é bastante importante porque a sociologia é muito adultocêntrica, ela só pensa no adulto. Ela não pensa na criança. Essa possibilidade de trabalhar com os desenhos foi bastante importante. Você me perguntou como é que é o desdobramento dessas técnicas da metodologia sobre os meus alunos?

VBM - Isso.

MAMS - Então, por exemplo, tive uma aluna que fez o doutorado e que trabalhou na oficina de fuxico com mulheres pentecostais. Eram mulheres que, quando você queria saber o passado, elas se negavam a falar. A vida delas começa no momento em que se tornam pentecostais. O passado é passado, não existe, essa é uma outra barreira. A oficina de fuxico foi também interessantíssima, elas só falaram por serem pessoas da área rural, que era exatamente na fase das rezas, das promessas, das quermesses e festas juninas, tudo isso

foi apagado. Ali era catolicismo rústico, para citar a Maria Izaura Pereira de Queirós e o Antônio Cândido. Com a oficina, elas não só falavam, como também cantavam. Na oficina de argila aconteceu isso também, eles iam fazendo e iam cantando as músicas do Nordeste, inclusive aquela música belíssima: Asa Branca. Muito interessante!

Acho que a oficina exige muito a criatividade do pesquisador, o contexto exige um período de convivência com as pessoas. Precisa haver todo esse cuidado, você tem que estar ali há um certo tempo, as pessoas passam a te ver com maior frequência, passam a confiar em você. Isso foi bastante interessante. Essa minha aluna trabalhou com a oficina de fuxico com essas mulheres pentecostais e houve alunos que trabalharam com os desenhos. Inclusive, um deles acabou de defender uma tese de doutorado e usou o desenho não só com as crianças, mas com pessoas adultas também.

VBM - Então, por causa da sua trajetória, você também formou pesquisadores com essas técnicas que envolviam as entrevistas, não é?

MAMS - Sim, todos eles, todos os meus alunos.

VBM - No campo das entrevistas, mais especificamente da história oral e ainda sobre a parte técnica, eu queria falar sobre duas coisas.

Uma delas é sobre a transcrição e a análise, se você tem identificação com orientações técnicas de algum grupo específico de história oral para fazê-las, porque são diversos grupos no Brasil. Com relação à análise, como você considera que deve ser feita a análise do material de entrevistas? É uma pergunta mais complexa, que é um pouco mais do que técnica: vivenciamos um momento em que os trabalhos de Ciências Humanas estão sendo cobrados em relação aos comitês de ética, os quais são vinculados ao Ministério da Saúde (e não ao de Ciência e Tecnologia). Gostaria de perguntar como você vê essa questão, como ficariam os nossos trabalhos - por exemplo, os que envolvem objetos autobiográficos - nesse novo contexto de exigência dos comitês de ética e da Plataforma Brasil, que atendem a questões que são da área de Saúde, na verdade.

MAMS - Olha, em relação à primeira parte, em geral eu sigo a orientação do Paul Thompson e também da Maria Isaura na transcrição. É claro que a gente orienta a aproveitar, por exemplo, as pausas, tomar muito cuidado com as pausas, com a própria construção da frase. De qualquer forma, a gente já faz uma correção sobretudo dos tempos dos verbos. Se a pessoa fala “nóis qué”, não é para transcrever assim, mas sim como “Nós queremos”. Nós adotamos isso porque depois o trabalho vai ser lido por um estrangeiro que não vai entender nunca a digitação porque o que ele entende é esse

português que nós falamos. Fazemos uma correção dos erros, entre aspas, e da concordância verbal, nós temos esse cuidado, mas a gente mantém totalmente a forma que a pessoa constrói a frase. Muitas vezes, mantemos determinados termos que as pessoas usam com certa frequência, mas com o cuidado de colocar no rodapé o significado daquilo ou então fazemos um glossário. Para você ter uma ideia, esse último orientando meu fez um trabalho com mulheres quilombolas do Vale do Jequitinhonha. Foram 36 páginas de termos, é muita coisa. E ele foi atrás do significado, da origem das palavras, foi mantendo no rodapé, mas depois jogou tudo para um glossário. Precisamos ter esse cuidado. A gente não vai simplesmente ignorar como a frase está sendo falada, por outro lado, usamos essa pequena adaptação justamente para favorecer aquelas pessoas que vão ler, as pessoas estrangeiras e assim por diante.

Em relação a essa questão do comitê de ética, acho que depende muito da universidade. Aqui na Universidade Federal de São Carlos não tem tanta cobrança, estamos ainda esperando uma decisão da Anpocs. Procuramos ter uma autorização do entrevistado para conseguirmos aquela entrevista, principalmente quando fazemos as imagens. Sempre temos essa preocupação de obter a imagem. Por outro lado, a questão muitas vezes pode resultar em prejuízo para o entrevistado. Por exemplo, o trabalhador que expõe sobre a exploração que ele sofre aqui no canavial, então vamos até um certo

ponto. A gente pode colocar em risco o trabalho dele, então nunca colocamos o nome da pessoa, usamos um nome fictício. Tive um aluno que fez um trabalho que envolveu a questão da saúde, que era medir o esforço físico do cortador de cana durante a sua jornada de trabalho. Com isso, ele trabalhou com um médico, que era o pai dele, um cardiologista lá de Alagoas. Nesse caso, ele teve que passar toda a pesquisa dele pelo conselho de ética.

VBM - O que você entende por esse termo termo ética? O que seria a ética no trabalho de história oral?

MAMS - Entendo assim: desde que eu não prejudique, acho que estou dentro da ética. Por exemplo, fiz uma longa entrevista, em 2017 (inclusive, era a última vez que eu ia a campo). Passei o dia em um pomar de laranjas aqui da região e fiz bastante imagens, conversei com os trabalhadores da colheita de laranja. Não digo onde fica, nem o nome da fazenda e os nomes das pessoas são todos omitidos. Relato a situação que eu presenciei, mas de forma nenhuma as pessoas serão expostas.

VBM - Indo para as migrações, como foi que você começou a estudar as migrações do Nordeste pro Sudeste? Você citou o Maranhão e Alagoas. Qual foi o início da sua trajetória nesse campo?

MAMS - Olha, a minha trajetória começou na verdade com o Vale do Jequitinhonha, que a gente pode considerar Nordeste devido às semelhanças das migrações e mesmo porque foram muitas décadas de migração desses trabalhadores para cá, não só para a cana de açúcar, mas até para o café. Tenho depoimentos desde os anos 1950. São 70, 80 anos de migração do Vale do Jequitinhonha pra cá. Começou justamente porque eu estava fazendo um projeto de pesquisa, no final dos anos 1980, logo depois das greves dos chamados bóias-frias, em 1985. Eu tinha um projeto de pesquisa grande, nessa época eu trabalhava na UNESP ainda (sou concursada na UNESP de Araraquara e hoje estou como professora visitante aqui da Federal de São Carlos). Naquele momento, a preocupação era perceber essas mudanças, todo esse processo da reestruturação produtiva aqui nos canaviais. Fui encontrando dados, muitas referências, até no IBGE, que apareciam assim: “número de trabalhadores”, aí tinha os trabalhadores permanentes, depois temporários e “outros”... Fiquei bastante curiosa em saber quem eram esses “outros”. Aí eu estava fazendo pesquisa na região e um dia um engenheiro de produção falou: “olha, vou te levar em um barracão”. O barracão é uma construção grande e totalmente precária, onde tem bastante mineiros. E lá havia 70 mineiros, 70 pessoas em um lugar só, onde põem um plástico preto como toldo, é horrível! E esses trabalhadores eram do

Vale do Jequitinhonha, alguns estavam com as respectivas famílias, mas outros não. E havia homens, mulheres, crianças, velhos. Eles estavam ali para um trabalho no café.

Fiquei um dia com eles, era um domingo, e foi muito impactante porque percebi que havia muitas pessoas doentes, muitas feridas na pele, no rosto. Naquele momento, achei que fosse um câncer de pele, depois fui saber que era lepra... Lepra! Era nesse nível o sofrimento das pessoas, a subnutrição era visível. Mas eu ouvia deles com uma frequência muito grande palavras assim: “Aqui não é o lugar da gente! Aqui não é a terra da gente”. O tempo todo: “Aqui não é o lugar da gente! Aqui não é terra da gente!” Fiquei instigada em conhecer esse “lugar da gente que é a terra da gente”. Foi aí que fui para o Vale do Jequitinhonha. Para entendermos a migração, temos que ir ao lugar de origem, não tem como.

Fui e fiquei 40 dias no Vale do Jequitinhonha. Foi um trabalho bastante interessante. Pude entender o que estava havendo ali, todo aquele processo de expulsão dos camponeses, de tomada de terras e tudo aquilo. Era a Ditadura Militar, os efeitos da ditadura. Foi lá que, pela primeira vez, essa questão da migração me chamou a atenção.

Depois, em virtude da exploração aqui no Estado de São Paulo, passei a ter uma vinculação muito forte com a Pastoral dos Migrantes. A gente estava na cidade de Guariba, desenvolvi um trabalho bastante articulado com eles, com os agentes da Pastoral. Fomos nós que

denunciamos as mortes nos canaviais por excessos de esforço, o trabalho escravo. Depois, fizemos um trabalho conjunto com o Ministério Público do Trabalho.

Foi um trabalho que foi se alargando e aí senti a necessidade de ir a outros locais de origem, um projeto na Bahia, depois no Piauí, depois no Maranhão. Depois fui à Paraíba, fiquei um tempo, trabalhei com a Professora Marilda Menezes, que é uma referência nesse tema. Fizemos um trabalho conjunto na Zona da Mata, com os migrantes que vêm do sertão para a lavoura Paulista.

VBM - Nessa época, tinha gente das universidades dos locais de origem estudando esses movimentos ou eram vocês que estavam fazendo os primeiros trabalhos?

MAMS - Éramos nós. A Marilda, nessa época, era professora da Universidade Federal da Paraíba, de Campina Grande, não tinha se aposentado ainda. Aí nós fizemos esse trabalho juntas lá na Zona da Mata da Paraíba. Depois, tive a oportunidade de orientar essa tese de doutorado de Alagoas que foi até premiada com auxílio da FAPESP. Posteriormente, continuei um trabalho bastante grande não só com a Pastoral do Migrante, mas também com o CEM, que é o Centro de Estudos Migratórios de São Paulo, tem os eventos e seminários que eles fazem, estou sempre presente.

VBM - Essa tese que você orientou é de quem?

MAMS - A de Alagoas é do Lúcio Vasconcellos de Verçosa e já saiu publicada em livro. Ele fala também dos migrantes, dos sertanejos, dos que vêm do sertão para o trabalho na região do litoral, na região dos tabuleiros alagoanos.

VBM - Na sua experiência como pesquisadora que utiliza entrevistas e técnicas do método da história oral, qual é o papel da história oral para as pesquisas sobre migrações?

MAMS - Olha, é uma contribuição muito grande porque a migração tem um peso grande nos estudos de demografia, principalmente nos estudos quantitativos que mostram esses deslocamentos e fluxos migratórios, as pessoas saem de um lugar e vão para outro. É a quantidade, se é homem ou se é mulher, enfim, os perfis migratórios, tanto internamente quanto externamente, tanto as migrações nacionais quanto internacionais. Tenho a impressão de que a história oral da forma como a gente utiliza é uma forma de contribuir para o entendimento dessas migrações. Por quê? Nós não estamos preocupados tão somente com o quantitativo. Quando perguntam: “quantas pessoas vêm pra cá?” Eu não sei te dizer exatamente. Em

vários momentos, tivemos estimativas de migrantes que vinham de vários estados do Nordeste, do Vale do Jequitinhonha, uma quantidade muito grande, mas a nossa preocupação não era exatamente com o quantitativo, mas sim como essas pessoas estavam vivendo aqui; o que significava a migração; o que era ser migrante para elas. Temos a preocupação de entender a migração não somente do ponto de vista de quem migra, de quem sai, mas também do ponto de vista de quem fica. Portanto, a nossa preocupação sempre foi essa: entender a migração em um contexto mais amplo daqueles que migram, que saem e daqueles que ficam. Queremos entender por que alguns saem e outros ficam, por que os que ficam não podem sair e vice-versa, entende? São vários fatores imbricados. Do meu ponto de vista, a história oral é uma contribuição essencial para o entendimento das migrações a partir do sujeito, das pessoas que vivenciam, da experiência das pessoas que realmente estão nos processos e não simplesmente entender isso como fluxos migratórios ou como deslocamentos.

VBM - Em relação aos seus alunos que estudam migrações, queria saber se eles te procuram por já pretenderem usar os métodos qualitativos e a história oral ou se é no aprendizado com você e com seu grupo de pesquisa que eles percebem a importância desse método.

MAMS - Olha, pela experiência que tenho, com os meus alunos é um processo. Esse aluno que fez sobre a comunidade quilombola no Vale do Jequitinhonha ficou três anos com o mesmo grupo de mulheres e, a partir dali, ele foi entendendo também a migração dos homens. Ele trabalhou com desenhos. Pensando em termos internacionais, tive a experiência de uma aluna que veio da Argentina e que lá utilizou a metodologia da história oral, mas não com migrações, e justamente com essa técnica do desenho para recuperar a memória, principalmente do período da repressão da ditadura na Argentina. Ela trabalhou com murais, as pessoas foram desenhando e fizeram murais a respeito do que elas vivenciaram naquele período da repressão. Foi uma coisa que surgiu no decorrer desse processo. A pesquisa é isso mesmo: é como você estar em uma área de garimpo, você sai de um lugar, se não encontrar ouro, vai pro outro e vai cavando, vai formando as suas trilhas. Acho que eles não vieram pensando em utilizar essa metodologia, mas no decorrer do processo foi isso que aconteceu, de acordo com cada tema e as necessidades que foram surgindo. Esse caso dos murais, por exemplo, foi muito interessante.

VBM - Você mencionou, lá no começo, que as suas primeiras leituras foram da Maria Isaura. Eu queria saber se você foi aluna dela...

MAMS - Não. Fiz o curso aqui em Araraquara, fui aluna da professora Heleieth Saffioti, na UNESP de Araraquara. Naquela época, não era nem UNESP, era Faculdade de Ciências e Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras ou Faculdade de Ciências e Letras... Não tive o prazer de ter sido aluna da Maria Isaura, mas como estudei sempre o rural, os trabalhos dela sempre foram referência, sem dúvida alguma.

VBM - Por último, quero perguntar se há algo mais que você gostaria de acrescentar da sua experiência com o uso da história oral nos estudos migratórios, que seja interessante falar e que possa dizer um pouco sobre esse método no campo das migrações.

MAMS - Fazendo um balanço dos meus trabalhos e lembrando de toda essa trajetória de pesquisa, acho que a metodologia da história oral permite entender as migrações não só como deslocamentos, como fluxos migratórios, mas permite entender a questão das emoções, dos sentimentos. Porque a história oral emprega nesse campo que, muitas vezes, é relegado a um lugar da Sociologia onde predomina a análise racional. A história oral te permite trabalhar com a nostalgia, com a saudade, te permite entender o olhar das pessoas, o sofrimento delas, a dor da separação. Te permite entender, por exemplo, aquilo que fica escondido e silenciado, como a exploração,

como a opressão, como também a discriminação. Estar em um estado que não é o dele, então aquilo não é a terra dele. Trabalhar com entrevistas te permite ir muito além daquilo que é a palavra, permite tecer as profundezas do sofrimento humano. Não daria com outro método. Agora, depende muito do pesquisador também. Para trabalhar com história oral você precisa formar muito bem os seus alunos. Não é só simplesmente dizer: “olha, vai lá e faz a entrevista”, não é assim. Você tem que ter um envolvimento, você tem que ter empatia, você tem que ter proximidade, tem que estabelecer ter uma relação de confiança e tudo mais. A metodologia da história oral humaniza mais o pesquisador, humaniza mesmo. Muitas vezes, a gente vê que a própria sociologia é muito desumanizada. Temos adotado uma prática que acho importante: assim que os alunos defendem um trabalho, fazem um vídeo de sete a oito minutos mostrando o que foi o trabalho deles. Então, isso tem lá no site também, tem os vídeos do grupo que produzimos no TRAMA, que é: “Terra, Trabalho, Memória e Migração”. Muitas vezes, a sociologia deixou de lado as emoções, acho muito importante recuperarmos isso porque as emoções podem provocar revoluções.

VBM - Professora, muito obrigada por sua entrevista!